

Destruir, apagar, pintar por cima, cortar, colar, parece fazer parte das ações de um pintor contemporâneo.

Nas *colagens* parto de um pensamento inicial de destruição onde o objeto a ser destruído é a tela pintada, e a partir desses cortes penso numa nova construção pictórica.

Enquanto que nas minhas pinturas a repetição do mesmo se dá na ocupação da tela, como vemos nas séries sementes, nuvens, flores, ou círculos, nas *colagens* a repetição se transforma em acúmulo, formando novos diálogos onde os diferentes cortes vindos de diferentes pinturas se juntam a novas pinturas; como vemos na série *colagens*.

Eu já havia experimentado *colagens* na série pinturas *paralelas*, mas numa construção muito ordenada. Agora as *colagens* são construídas com uma formação caótica desordenada, a partir de um olhar na desorganização aparente de uma floresta.

Me interesse pela matéria, pelo tecido cortado, pela linha, pela borda do suporte, que se fazem a mostra, revelando a sua verdade.

O tempo que é invisível se revela na *colagem*, quando, da arqueologia das telas escolhidas, o espaço temporal da ação cortar\colar se aproxima da pintura originária. O passado que se cola ao presente.

Nos *relevos*, a vontade de ir para o espaço se concretiza mais ainda. Não como a escultura do passado sobre um pedestal, mas ainda um volume que depende de um suporte para se apoiar, no caso, a parede.

Também com a ação corta/cola, a forma ou contorno do corte das peças de papelão são extraídas do meu olhar nos detalhes da série pinturas *Flores*. Trabalho que olha e trás a presença do outro e nessa ação autoreflexiva, a repetição e o acúmulo voltam a acontecer no meu processo.

Uso caixas de papelão, jogadas pela cidade, como suporte de uma pintura que é escultura ou escultura que é pintura. Nesse paradoxo da falta de definição, que poderia ser uma crise, hoje é aceita como obra híbrida não precisando se fechar em nenhuma categoria do passado, sendo apenas *relevos*.

*Myriam Glatt, 2016*